

## TRADUÇÃO

### A INFERÊNCIA EXISTENCIAL DO REDONDO NA FUNÇÃO DO HABITAR "L'INFÉRENCE EXISTENTIELLE DU ROND DANS LA FONCTION DE L'HABITER" - AUROSA ALISON

Luciano PESSOA

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo na  
Universidade de São Paulo (FAUUSP).  
E-mail: pessoluc@gmail.com

*"A roda é a imagem arquetípica que guia o homem em seus esforços, tanto técnicos como simbólicos, para tentar solucionar esta crise de habitação que compõe seu ser".*

**Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la Roue*, 1981.**

*"Vivido do interior, sem exterioridade, o ser não seria senão redondo".*

**Gaston Bachelard, *A Poética do espaço*, 1957.**

Destinada a estudar medicina, Maryvonne Perrot foi apresentada à filosofia durante seu último ano no científico, graças ao curso de Christiane Milner, amiga de Suzanne Bachelard. Seguindo os ecos do bachelardismo<sup>1</sup>, ela optou por um caminho filosófico inscrevendo-se, no início dos anos sessenta, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Dijon.

A publicação de *La Poétique de la rêverie* em 1960 e de *La Flamme d'une chandelle* em 1961, suscitou em Maryvonne Perrot um vivo interesse por Gaston Bachelard: "Bachelard já nos apareceu como um espírito inovador e como o descobridor de "traços" às vezes obscurecidos pela história e pela sociedade, mas que seu gênio teve a arte de reinterpretar em um contexto onde a memória-imaginação lhes devolveu toda sua originalidade e fecundidade"<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Maryvonne Perrot, "Bachelard, un passeur de traces", em *Bachelardiana* nº7, Genova, Il Melangolo, 2012.

<sup>2</sup> *Op. cit.*, p. 114.

Um dos primeiros mestres de Maryvonne Perrot foi Jean Brun, também amigo de Suzanne Bachelard, aluna de Georges Canguilhem e inspirada pelo estudo de imagens e símbolos: "Jean Brun compartilhava com nosso filósofo uma obsessão pela palavra, um gosto pela palavra poética, pela arte em geral, pois que orbitava o grupo surrealista; o que significa dizer que as noções de símbolo, de imagem, de imaginário, e mesmo de imaginal —já que também era amigo de Henry Corbin—, tinham lugar em suas reflexões e em suas aulas"<sup>3</sup>.

O encontro com François Dagognet, Jean Hyppolite e Gilbert Durand alimentou esta paixão pelo imaginário, pela antropologia e pelo simbolismo:

Olhando retrospectivamente a diversidade das personalidades filosóficas que me ajudaram a descobrir o bachelardismo, além da leitura dos textos deste último, tenho a sensação de que foi realmente mérito de Bachelard estar no centro de um *koinè* intelectual e gerar fortes temperamentos filosóficos, portanto, menos imitadores que criadores, inspirados pelos elementos tão diversos de sua obra, cada um em um contexto específico, e foram também transmissores de vestígios, ao modo de Bachelard<sup>4</sup>.

Interessada na relação entre o imaginário e a racionalidade, Maryvonne Perrot desenvolve estudos bachelardianos com outros alunos de Jean Brun: Jean-Jacques Wunenburger no Centro Gaston Bachelard (Centre Gaston Bachelard) e Jean Libis com a Associação dos Amigos de Gaston Bachelard (hoje Association Internationale Gaston Bachelard).

Maryvonne Perrot dedica sua tese de pós-graduação ao *Simbolismo da Roda*, e sua tese de doutorado a *O homem e a metamorfose*. É nesse contexto simbólico que gostaríamos de homenageá-la, contribuindo para este estudo com a análise de algumas passagens do *Simbolismo da Roda*<sup>5</sup>, conectando-as ao domínio do *habitar*.

A imagem da roda nos reenvia a uma *fenomenologia do redondo*, muito presente em *A poética do espaço*<sup>6</sup>, e aos conceitos existenciais de uma ontologia do habitar. A referência ao texto de Martin Heidegger "Construir habitar pensar"<sup>7</sup> nos permitirá compreender a importância do conceito de habitar em relação ao conceito de ser.

---

<sup>3</sup> *Op. cit.*, p. 113.

<sup>4</sup> *Op. cit.*, p. 114.

<sup>5</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la roue*, Paris, Les éditions philosophiques, 1980.

<sup>6</sup> Gaston Bachelard, *La Poétique de l'Espace*, Paris, Puf, 1957; 9ª edição, Paris, Puf, 2005.

<sup>7</sup> Martin Heidegger, "Bâtir habiter penser", em *Essais et Conférences*, tradução de André Préau, Paris, Gallimard, 1958.

Em um primeiro momento, gostaríamos de sublinhar as conexões entre a fórmula utilizada por Karl Jaspers, retomada por Gaston Bachelard em *A poética do espaço*, "*Dasein ist rund*" (O ser é redondo), e o valor arquetípico da roda analisado por Maryvonne Perrot em *O Simbolismo da Roda*.

Em um segundo momento, analisar mais profundamente a *crise do habitar* sublinhada por Heidegger por meio dos dois conceitos de habitar e de construir: "Habitar e construir estão um e outro em uma relação de fim e de meio"<sup>8</sup>.

Em um terceiro momento, refletir sobre o sentido do habitar profundo, que nos sugere a imagem primordial do redondo. As imagens do redondo nos oferecem várias leituras da mesma questão: inicialmente com as imagens do refúgio, do lar, até as imagens primitivas e naturais do ninho e da concha.

Veremos que é por meio de uma fenomenologia do redondo que *a crise do habitar* pode encontrar diferentes soluções a partir de uma leitura da identidade profunda, tanto do habitar como do abrigo. Daí a fórmula: reaprendendo a habitar, reaprenderemos a ser.

### **"Dasein ist rund": da fenomenologia ao existencialismo do redondo**

Em *O Simbolismo da Roda*, Maryvonne Perrot descreve a roda como um instrumento privilegiado de progresso mecânico e ao mesmo tempo como aparato simbólico. Ao apresentar a síntese da forma e da função, a roda está em busca do centro, ponto de convergência entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. "A roda é a imagem arquetípica que guia o homem em seus esforços, tanto técnicos como simbólicos, para tentar solucionar esta crise de habitação que faz o seu próprio ser"<sup>9</sup>. Nesta frase, Maryvonne Perrot afirma a importância do arquétipo da roda em relação à questão da crise do habitar.

---

<sup>8</sup> Martin Heidegger, *op. cit.*, p. 171.

<sup>9</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la roue*, p.73.

Martin Heidegger, em "Construir habitar pensar", no capítulo intitulado "O círculo e a crise da habitação"<sup>10</sup>, igualmente interessado na análise do momento preciso em que o ser teria perdido suas coordenadas de moradia e em que a forma do espaço se configura pelo sentido de habitar.

Por esse motivo, utilizaremos, como referência em nosso estudo, duas passagens desse capítulo que sublinham a importância simbólica e teórica da imagem da roda em relação a uma evolução existencial do habitar:

— A focalização de uma constituição afetiva da imagem do círculo no domínio da procura da morada do ser.

— A importância da evolução arquetípica da roda, fundamental para compreender a riqueza própria da construção arquitetônica dentro do âmbito do construir.

A fim de descrever o desenvolvimento do arquétipo da roda, devemos primeiro contextualizar os parâmetros da pesquisa de Maryvonne Perrot em relação à *Poética do Espaço* de Gaston Bachelard.

O capítulo intitulado *A fenomenologia do redondo* é um ótimo ponto de partida para nossa investigação. "*Jedes Dasein scheint in sich rund*"<sup>11</sup> (Todo ser parece, em si, redondo). "Esta redondeza do ser, ou esta redondeza do ser evocada por Jaspers, não pode aparecer em sua verdade direta, exceto na meditação mais puramente fenomenológica"<sup>12</sup>. Existe, pois, uma articulação entre a fenomenologia do redondo e o ser profundo. De fato, a primeira passagem que devemos considerar é a de um existencialismo do redondo, bem como a de um existencialismo do círculo.

'O ser é redondo' se tornará para nós um instrumento que nos permitirá reconhecer a primitividade de certas imagens do ser. Mais uma vez, as imagens da plena redondeza nos auxiliam a reunirmo-nos em nós mesmos, a dar-mo-nos uma primeira constituição, a afirmar intimamente, desde dentro, nosso ser. Pois, vivido do interior, sem exterioridade, o ser não seria senão redondo<sup>13</sup>.

É assim que a procura do centro, focalizada por Maryvonne Perrot, encontra ressonância na busca do interior do redondo analisada por Bachelard.

<sup>10</sup> A este respeito, gostaria de agradecer ao Sr. Jean Libis e ao Sr. Jean-Jacques Wunenburger por terem me fornecido passagens deste precioso texto, quase impossível de encontrar.

<sup>11</sup> Gaston Bachelard faz referência ao texto de Karl Jaspers, *Von der Wahrheit*, p.50.

<sup>12</sup> Gaston Bachelard, *La poétique de l'espace*, p.208.

<sup>13</sup> Gaston Bachelard, *La poétique de l'espace*, p.210.

Dentro da fenomenologia do redondo e dentro do simbolismo da roda nós encontramos, pois, as imagens primordiais do habitar em que o centro representa a origem do ser. O existencialismo do redondo nos reenvia a um existencialismo da roda, em que podemos encontrar diversas sugestões do ser interior.

Em sua análise, Maryvonne Perrot destaca o arquétipo da roda como modelo de habitação utilizado inconscientemente em construções: "Queremos fornecer os exemplos citados para evidenciar que os homens constroem [...] guiados inconscientemente pela estrutura formal da roda; pois todas as semelhanças que identificamos são surpreendentes demais para serem um simples acaso"<sup>14</sup>.

A roda, no âmbito da construção, é sugestiva por duas razões: (1) a imagem do círculo dividido pelos raios; e (2) a estrutura circular que nos reenvia a um modo de relação e de vida. É por essa razão que os dois exemplos reportados nesta descrição são importantes para compreender a articulação entre o arquétipo da roda e o modelo do ser:

Mas é principalmente por meio de dois grandes visionários da cidade que encontraremos especulações muito precisas sobre a virtude do círculo dividido pelos raios e impondo uma estrutura que é sobretudo um modo de relação e um modo de vida. O primeiro deles é este italiano do século XVI, Thomas Campanella, que, a despeito da perseguição que sofreu, preocupou-se com a felicidade da humanidade a partir de melhores relações sociais, imaginando assim o plano da cidade capaz de responder ao seu intento: 'A cidade se compõe de sete partes, sete zonas circulares concêntricas, às quais são dados os nomes dos planetas, quatro grandes estradas as interligam, e quatro portas correspondem aos quatro pontos cardeais'<sup>15</sup>.

Por Maryvonne Perrot:

Este valor mágico-religioso, garantia de proteção e de felicidade terrena, que está ligado à estrutura rádio-concêntrica, não está isento do espírito que anima as criações mais recentes do arquiteto protegido por Madame du Barry, Claude Nicolas Ledoux, já que em sua obra, significativamente intitulada *A Arquitetura considerada em relação à Arte, aos Motores e à Legislação*, ele afirma que a cidade ideal que ele quer realizar na cidade de Chaux deveria ter um traçado rádio-concêntrico, forma que, de acordo com sua expressão, é 'pura como aquela descrita pelo Sol em seu curso'. Nas Salines Royales d'Arc-et-Senans, por falta de dinheiro, ele não pôde construir senão uma parte dessa cidade ideal de Chaux, mas a sedução da roda não está ausente.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la roue*, p. 97.

<sup>15</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la roue*, p. 97. Nesse trecho, Maryvonne cita Thomas Campanella, *La cité du soleil*, Paris, 1950, trad. A. Zévaès, p. 38.

<sup>16</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la roue*, p. 97.

Thomas Campanella, de um lado, e Claude Nicolas Ledoux, de outro, para o projeto e a edificação de suas cidades ideais, utilizam planimetrias com a imagem de uma forma circular ligada ao centro por seus raios. Desse modo, a teoria da *utopia* se serve da roda ao nos trazer de volta a necessidade de representar a *harmonia*. Pelas imagens da roda, podemos imaginar como a cidade ideal se forma, graças a suas formas: "A forma da roda, através da harmonia, através da unidade que ela implica em sua simetria, faz talvez da habitação um todo estruturado. A roda torna habitável porque confere um lugar, um local, a todos os pontos que engloba".<sup>17</sup>.

Este englobamento nos remete aos ritmos existenciais que evocam a roda:

A roda permite que nos situemos, e buscar a situação de uma habitação é, para o homem, buscar situar-se no ser. Saber onde se está, ou seja, de onde viemos ou para onde vamos, conhecer as coordenadas da existência, ou ainda, mais precisamente, procurá-las, explica a necessidade que o homem tem de construir uma morada, mesmo que seja a última morada.<sup>18</sup>.

Nesse âmbito, as necessidades de *habitar* correspondem às necessidades de ser, onde a construção de uma morada corresponde à constituição mesma do ser. Assim, situar sua própria morada é comparável a situar-se no ser.

Esta comparação existencial da forma da roda implica, segundo Maryvonne Perrot, duas outras sugestões em relação à questão do ser interior: o conceito de *lar* e o conceito de *relação*.

A primeira constante que encontramos é aquela que gravita em torno da ideia de lar, de fecundidade. Isto é muito importante. A necessidade mais fundamental do homem parece ser situar-se em relação à plenitude e à falta, à riqueza e à pobreza; e esta procura não é senão aquela da origem, do originário. Aqui o simbólico prolonga o fisiológico, uma vez que é à mãe, ou minimamente ao pai, que esse papel nutridor é imediatamente atribuído. A roda então traduziria, no plano da habitação, a impossibilidade psíquica de romper o cordão umbilical, garantia de segurança pré-natal e meio de vida.<sup>19</sup>.

A imagem da roda desempenha o papel originário do lar, revelando um caráter de intimidade maternal onde a forma circular retoma a de uma espiral sem começo nem fim.

O segundo conceito do ser interior da roda que Maryvonne Perrot destaca é o da *relação* implicada pela dinâmica da alteridade:

---

<sup>17</sup> *Op. cit.*, p.98.

<sup>18</sup> *Ibid.*

<sup>19</sup> *Ibid.*

Mas dizer 'lar' não faz só referência à fecundidade de uma origem, o lar implica igualmente a noção de alteridade. Aqui, o diâmetro, mais que o círculo ou o centro, assegura a existência da categoria de constantes, aquelas que enfatizam a noção de relação, a transição entre o você e o nós. Daí porque a segunda categoria de constantes, concernente à noção de relação, de socialização, ser menos importante, por ela não ser senão uma consequência da primeira.<sup>20</sup>

Nesta primeira análise, reunimos no mesmo domínio a utilização da imagem do círculo, do redondo e da roda como origem do ser e do habitar. Assim, as figuras circulares nos sugerem uma intimidade primordial e fundamental para a instância da construção. Agora vamos considerar de que maneira, no âmbito da circularidade, o universo do ser interior se une a aquele do habitar, através da dinâmica do construir.

### **A habitação é o ser mesmo do homem**

Em *Le Symbolisme de la roue*, Maryvonne Perrot observa as correspondências entre o ser e o habitar utilizando como referência a conferência realizada no Colóquio de Darmstadt em 1951 por Martin Heidegger: "Construir habitar pensar"<sup>21</sup>. Segundo Heidegger, a relação do homem com o espaço se estabelece no domínio do habitar em correspondência com o domínio do ser.

Maryvonne Perrot retoma esta frase: "A relação entre o homem e o espaço não é outra que a da habitação pensada em seu ser"<sup>22</sup>, em que Heidegger coloca em relevo o conceito do pensamento como traço de união entre o habitar e o ser. Isso significa que pensar, neste caso, corresponde à atividade de construir com o objetivo de habitar: "Nesta fórmula concisa, Heidegger anuncia o que gradativamente emergirá da reflexão que consagra à experiência da habitação [...] O retorno a esta verdade esquecida permite-lhe restabelecer, entre habitar e construir, a verdadeira ordem de causalidade e assim, pouco a pouco, desvelar como a habitação é o ser mesmo do homem"<sup>23</sup>. Por sua vez, Heidegger nos mostra a diferença entre 'habitar' e 'abrigar-se', e é por isso que nem todas as construções são habitações. A forte correspondência entre construir e habitar subsiste enquanto a habitação represente uma morada para o ser, e não apenas um abrigo. "Uma

<sup>20</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la Roue*, p.98.

<sup>21</sup> Martin Heidegger, *Bauen Wohnen Denken*, Vorträge und Aufsätze, 1951; *Bâtir habiter penser: Essais et Conférences*, traduction André Préau, Paris, Gallimard, 1958.

<sup>22</sup> Martin Heidegger, *Bâtir habiter penser: Essais et Conférences*, p.188.

<sup>23</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la roue*, p. 71.

ponte, o *hall* de um aeroporto, um estádio ou uma central elétrica são construções, não habitações, uma estação ferroviária ou uma auto-estrada, uma barragem, o salão de um supermercado são o mesmo caso".<sup>24</sup>.

Partindo da etimologia da palavra alemã *wunian*, que significa *habitar e permanecer em paz, construir* deve significar construir uma morada, ou seja, um refúgio. "A característica fundamental da habitação é esta disposição" [...] "habitar, ser colocado em segurança, quer dizer: restar encerrado (*eingfriedet*) naquilo que nos diz respeito (*in das Frye*), ou seja, naquilo que é livre (*in das Freie*) e que dispõe todas as coisas em seu ser".<sup>25</sup>. É assim que o conceito de proteção está na base da função que liga o habitar ao construir: "A moradia é, portanto, menos o que nos fixa do que o que nos protege".<sup>26</sup>.

Neste ponto da reflexão, a questão da crise do habitar torna-se uma questão fundamental. Segundo Heidegger, o indivíduo deve reaprender a habitar, o que significa que ele deve redescobrir seu ser. Maryvonne Perrot escreve:

Agora, a dificuldade de reencontrar essa função esquecida da habitação, isto é, a dificuldade afinal de o homem reencontrar seu ser, se manifesta por uma verdadeira crise de habitação que, como ressalta Heidegger, 'não consiste da falta de moradia'. 'A verdadeira crise da habitação reside no fato de que os mortais ainda estão procurando o ser da habitação, e que eles devem primeiro aprender a habitar'.<sup>27</sup>.

Assim, nos perguntamos então, como reaprender a habitar?

Heidegger nos mostra como a terra é a morada dos mortais e como a terra pertence a uma *Unidade original* que se constitui através do que o filósofo descreve como *Quadripartido*:

A terra é aquela que porta e que serve, que floresce e dá frutos, estendida como rocha e como água, abrindo-se como planta e como animal. Quando dizemos "a terra", já pensamos nos outros três com ela, mas não consideramos a simplicidade dos Quatro. O céu é o curso arqueado do sol, o caminhar da lua em seus vários aspectos, a percurso brilhante das estrelas, as estações, o ano e seu retorno, a luz e o declínio do dia, a escuridão e o brilho da noite, a amenidade e a dureza da atmosfera, o vôo das nuvens e a profundidade azul do éter. Se dissermos "céu" já pensamos nos outros três com ele, mas não consideramos a simplicidade dos Quatro. Os divinos são aqueles que nos acenam, os mensageiros da Divindade. Por seu poder sagrado, o deus aparece em sua presença ou se vela e se retira. Se nomeamos os divinos, já pensamos os outros três com eles, mas não consideramos a simplicidade dos Quatro. Os mortais são homens. Eles são chamados de mortais porque podem morrer. Morrer significa: ser capaz da morte assim como a morte. Só o homem

<sup>24</sup> Martin Heidegger, *Bâtir habiter penser: Essais et Conférences*, p.170.

<sup>25</sup> Martin Heidegger, *op. cit.*, p.176.

<sup>26</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la roue*, p. 71.

<sup>27</sup> Martin Heidegger, *Bâtir habiter penser, Essais et Conférences*, p.193.



morre, morre continuamente, enquanto permanece na terra, sob o céu, diante do divino. Se nomearmos os mortais, já pensamos os outros três com eles, mas não consideramos a simplicidade dos Quatro. Essa simplicidade, que é deles, chamamos de Quadripartida. Os mortais estão no Quadripartido quando *habitam*.<sup>28</sup>

Reaprender a habitar significa reaprender a retornar às origens do habitar, onde o indivíduo reencontra seu ser em um equilíbrio constitutivo. Esta homogeneidade depende da relação entre estas quatro dimensões que, segundo Maryvonne Perrot, sugerem a imagem da roda como um círculo com seus raios:

Assim, a análise da noção de habitação nos remete primeiro à ideia de segurança e de enclausuramento, portanto, à ideia do círculo, depois à ideia de uma Medida essencial, portanto à de um centro, de um foco doador de sentido, enfim, a quatro dimensões que irradiam em direção ao centro ou a partir do centro. Não seria esta também uma das representações da roda?<sup>29</sup>

Desse modo, a *roda*, sendo uma figura de habitação, é ao mesmo tempo a imagem da medida, do lar e da proteção. Se, segundo Heidegger, *construir* significa *fazer habitar*, então isso significa que a roda é ao mesmo tempo símbolo e técnica da construção.

### A intimidade do redondo

Colocaremos uma última questão sobre a inferência existencial do redondo: como a imagem do redondo se desenvolve através do fenômeno do habitar interior? Maryvonne Perrot utiliza como epígrafe a seu capítulo sobre *O círculo e a crise da habitação*, uma frase d'A *poética do espaço*: "Só habita com intensidade aquele que soube se encolher"<sup>30</sup>. Nesse contexto, gostaríamos de acrescentar uma outra citação de Bachelard: "A intimidade precisa de um coração e um ninho"<sup>31</sup>.

No domínio do habitar, a intimidade é uma característica fundamental e ao mesmo tempo primordial. Constatamos que o círculo, por sua constituição fenomenológica e não geométrica, nos

---

<sup>28</sup> *Op. cit.*, p.177.

<sup>29</sup> Maryvonne Perrot, *Le Symbolisme de la roue*, p. 73.

<sup>30</sup> Gaston Bachelard, *La Poétique de l'espace*, p.72.

<sup>31</sup> *Ibid.*

sugere proteção e maternidade: "A esfera do geômetra é a esfera vazia, essencialmente vazia. Ela não pode ser um bom símbolo para nossos estudos fenomenológicos da redondeza plena".<sup>32</sup>

A esse respeito, gostaríamos de mostrar dois exemplos de figuras redondas e primordiais que representam uma primeira forma de maternidade e de proteção: o ninho e a concha.<sup>33</sup> Gaston Bachelard, descrevendo novamente os espaços do bem-estar, nos apresenta os valores das imagens do *ninho* e da *concha*. É o bem-estar que nos dá a ideia de primordial de refúgio.

Assim, o bem-estar nos devolve à primitividade do refúgio. Fisicamente, o ser que recebe a sensação de refúgio se fecha sobre si mesmo, se retira, se aconchega, se esconde, se desloca... Com o ninho, sobretudo com a concha, encontraremos toda uma série de imagens que tentaremos caracterizar como imagens primárias, como imagens que solicitam em nós uma primitividade. Mostraremos então como, em uma felicidade física, o ser gosta de 'se retirar para o seu canto'.<sup>34</sup>

A imagem do ninho nos remete à simplicidade da casa. O ninho, assim como a casa, nos protege. Através de suas características de refúgio, o ninho nos fornece a imagem de uma confiança cósmica, diz Bachelard.

Assim, ao contemplar o ninho, estamos na origem de uma confiança no mundo, recebemos um princípio de confiança, um chamado à confiança cósmica. O pássaro construiria seu ninho se não tivesse seu instinto de confiança no mundo? Se ouvirmos esse chamado, se fizermos deste abrigo precário que é o ninho –por certo paradoxalmente, mas no impulso próprio da imaginação–, um refúgio absoluto, voltamos às fontes da casa onírica. Nossa casa, tomada em sua potência onírica, é um ninho do mundo. Viveremos ali em uma confiança nativa se realmente participarmos, em nossos sonhos, da segurança da primeira morada.<sup>35</sup>

O alto valor do bem-estar é realçado por uma confiança que se torna constitutiva. Aconchegados em nossa casa-ninho, estamos ao abrigo de qualquer ameaça externa. O ninho nos defende através de uma estrutura *íntima*.

O ninho, assim como a casa onírica, e a casa onírica, assim como o ninho –se estivermos bem na origem de nossos sonhos– não conhecem a hostilidade do mundo. A vida começa, para o homem, dormindo bem, e todos os ovos dos ninhos estão bem incubados. A experiência da hostilidade do mundo –e, por consequência, nossos sonhos de defesa e de agressividade– são mais tardios. Em seu germe, toda vida é bem-estar. O ser começa pelo bem-estar. Em sua contemplação do ninho, o filósofo se tranquiliza na busca de uma

<sup>32</sup> *Op. cit.*, p.211.

<sup>33</sup> Aurosa Alison, *Science et poétique de l'espace chez Gaston Bachelard*, Chap. X *La maison : L'univers dialectique du dedans et du dehors*, Thèse de doctorat, 2014.

<sup>34</sup> Gaston Bachelard, *La Poétique de l'espace*, p. 93.

<sup>35</sup> *Op. cit.*, p. 103.

meditação de seu ser no ser tranquilo do mundo. Traduzindo então, na linguagem metafísica de hoje, a absoluta ingenuidade de seu devaneio, o sonhador pode dizer: o mundo é o ninho do homem. O mundo é um ninho; uma imensa potência guarda os seres do mundo neste ninho.<sup>36</sup>

Através da imagem do ninho, constatamos que as considerações de Bachelard em relação aos conceitos basilares do espaço se orientam sempre em direção a caracterizações da intimidade. Mesmo no caso da *concha* que, em seus valores, engloba todo o mundo natural da defesa:

A natureza imagina e a natureza sabe. Basta olhar para um álbum de amonites para reconhecer que, desde a era secundária, os moluscos construíam suas conchas seguindo as lições da geometria transcendental.<sup>37</sup>

Os valores da concha emergem através de um sentido estético muito forte e voltado para si mesmo: "Os amonites faziam sua morada no eixo de uma espiral logarítmica".<sup>38</sup> Bachelard analisa numerosas imagens da concha, enfatizando os motivos do refúgio, do bem-estar e do protegido. Ao dobrar-se sobre si mesma, a concha intensifica todos os seus valores:

Com os ninhos, com as conchas, temos multiplicado, sob pena de fatigar a paciência do leitor, as imagens que, cremos, ilustram em formas elementares, talvez demasiadamente imaginadas, a função de habitar. Sentimos bem que existe um problema misto de imaginação e de observação. O estudo positivo dos espaços biológicos não é, naturalmente, o nosso problema. Queremos simplesmente mostrar que quando a vida se abriga (*se loge*), se protege, se cobre, se esconde, a imaginação simpatiza com o ser que habita o espaço protegido. A imaginação vive a proteção, em todas as nuances de segurança, desde a vida nas conchas mais materiais, até as mais sutis dissimulações no simples mimetismo das superfícies.<sup>39</sup>

As imagens do ninho e da concha, sugeridas por Gaston Bachelard, nos ajudam a melhor compreender a importância de uma fenomenologia circular no domínio do habitar. A esse respeito, os conceitos de proteção e de refúgio permanecem essenciais para o desenvolvimento do ser interior, ou seja, do *bem-estar*.

É no contexto do habitar que Maryvonne Perrot escolhe a redondeza como ponto de partida existencial e não geométrico. É assim que a redondeza da roda se nutre de um simbolismo constitutivo fundamental para a criação de um novo modelo de habitar. Queremos render uma

---

<sup>36</sup> Ibid.

<sup>37</sup> *Idem*, p.105.

<sup>38</sup> *Ibid.*

<sup>39</sup> Gaston Bachelard, *La Poétique de l'espace*, p. 127.

homenagem a Maryvonne Perrot através desta análise da redondeza existencial e da importância de um simbolismo da roda, num contexto de pesquisa ligado aos diferentes desenvolvimentos teóricos e estéticos do espaço e do habitar.

Gostaríamos de acrescentar a este estudo uma última nota sobre a relação de Maryvonne Perrot com o espaço. Ela nos deixa uma riqueza de sugestões em relação ao ser familiar e à reconstituição de um *oikos* através de uma fenomenologia do redondo. Maryvonne Perrot tem sido particularmente sensível à concepção do espaço interior, por meio da reconciliação com o espaço vivido. É assim que ela nos explica o sentido de sua paixão filosófica, oferecendo-nos um relato significativo de sua infância:

Contudo, esse retorno para si não seria completo se eu não aludisse também, afinal, ao que não é fruto de um itinerário, mas de uma inspiração mais ou menos unitária, aquela que exprime uma fórmula que me impressionou desde minhas primeiras leituras, em 1960/1961, e que permanece sendo uma das chaves d'*A poética do devaneio*: uma alma nunca é surda a um valor da infância. Essa intuição bachelardiana ressoou especialmente para mim em três temas: o da criança com uma lamparina, o da criança no rio, e aquele da infância cósmica. Foi sem dúvida na casa de família muito isolada das minhas férias de infância que senti a importância de prestar atenção às coisas e ao instante que a leitura de Bachelard me revelou mais tarde.<sup>40</sup>.



PESSOA, Luciano. A INFERÊNCIA EXISTENCIAL DO REDONDO NA FUNÇÃO DO HABITAR. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.19, n.2, 2022, eK22030, p. 01-12.

Recebido: 07/2022

Aprovado: 09/2022

---

<sup>40</sup> Maryvonne Perrot, Bachelard un passeur de traces, p.115.